

**FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**  
**PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA E SAÚDE**

---

**RODRIGO MOSTAÇO ANDRADE**

**GRUPO OPERATIVO COMO FERRAMENTA DE SUPERVISÃO PARA  
PROFISSIONAIS QUE ATUAM COM GRUPOS DE INSPIRAÇÃO  
PSICANALÍTICA**

**São José do Rio Preto – SP**

**2023**

**RODRIGO MOSTAÇO ANDRADE**

**GRUPO OPERATIVO COMO FERRAMENTA DE SUPERVISÃO PARA  
PROFISSIONAIS QUE ATUAM COM GRUPOS DE INSPIRAÇÃO  
PSICANALÍTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de  
Pós-graduação em Psicologia e Saúde, como parte  
dos requisitos para obtenção do Título de Mestre.

**ORIENTADOR: PROF. DR. LAZSLO ANTONIO ÁVILA**

**São José do Rio Preto - SP**

**2023**

**i**

**Andrade, Rodrigo. M.**

**Grupo operativo como ferramenta de supervisão para profissionais que atuam com grupos de inspiração psicanalítica / Rodrigo M Andrade - - São José do Rio Preto-SP, 2023.**

i, (xxx)fls.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP. Programa de Pós-graduação em Psicologia e Saúde.  
Área de Concentração: Psicologia e Saúde.

Operative group as a supervision tool for professionals working with psychoanalytically inspired groups.

**Orientador: Prof. Dr. Lazslo Antonio Ávila**

1. Grupos Operativos; 2. Processos Grupais; 3. Supervisão no Trabalho; 4. Promoção de Saúde.

**RODRIGO MOSTAÇO ANDRADE**

**GRUPO OPERATIVO COMO FERRAMENTA DE SUPERVISÃO PARA  
PROFISSIONAIS QUE ATUAM COM GRUPOS DE INSPIRAÇÃO  
PSICANALÍTICA**

**BANCA EXAMINADORA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE**

---

**Presidente e Orientador(a): Lazslo Antonio Ávila  
Instituição: FAMERP**

---

**1º Examinador(a): Nelson Iguimar Valerio  
Instituição: FAMERP**

---

**2º Examinador(a): Maria Jaqueline Coelho Pinto  
Instituição: FAMERP**

**São José do Rio Preto, 10/12/2023**

## SUMÁRIO

Dedicatória.....	v
Agradecimentos.....	vi
Epígrafe.....	vii
Lista Apendices.....	viii
Lista de Anexos.....	iv
Resumo.....	x
Abstract.....	xi
Apresentação.....	xii
Introdução.....	1
O movimento histórico da psicanálise com grupos.....	2
A psicanálise das configurações vinculares.....	11
Supervisão e psicanálise.....	12
Objetivos.....	16
Método.....	17
Instrumentos.....	18
Participantes.....	19
Procedimento.....	19
Análise dos dados.....	20
Aspectos éticos.....	21
Resultados e discussão.....	23
A chegada de novos membros.....	23
Rivalizações e conflitos.....	26
Grupo versus indivíduo: Existe limitação na terapia de grupo?.....	29
O papel do supervisor.....	33
Considerações finais.....	38
Referências .....	39

## DEDICATÓRIA

Aos que estiveram presentes em todo o processo,  
Família e amigos  
E para todos aqueles que se dedicam à investigação  
da psicanálise com grupos

## AGRADECIMENTOS

À minha esposa Cibele e minha filha Clarice, pelo apoio e suporte incondicional durante a produção deste trabalho. Nos momentos de preocupação e incertezas me deram sustentação afetiva, além da tranquilidade necessária para a finalização da dissertação.

Agradeço ao meu orientador, Lazslo Antonio Ávila, por confiar sua orientação ao meu projeto ainda quando era apenas uma ideia. Agradeço por toda orientação, revisão e elucidação de caminhos nos momentos mais obscuros desta trajetória.

Aos professores Pablo Castanho e Fernando da Silveira que desde a graduação me inspiraram e despertaram interesse sobre a psicanálise de grupos.

Aos amigos e colegas de profissão Matheus e Valéria, por me fornecerem apoio e auxílio sempre que precisei, além das trocas teóricas e técnicas, que foram imprescindíveis para finalização deste trabalho.

Finalmente aos professores e funcionários da FAMERP, que participaram direta e indiretamente deste trabalho. Especialmente ao professor Nelson Iguimar Valério e a professora Maria Jaqueline Coelho Pinto, pela generosidade e participação essencial no direcionamento e ajustes da dissertação.

## EPÍGRAFE

*em mim*  
*eu vejo o outro*  
*e outro*  
*e outro*  
*enfim dezenas*  
*trens passando*  
*vagões cheios de gente*  
*centenas*  
*o outro*  
*que há em mim*  
*é você*  
*você*  
*e você*  
*assim como*  
*eu estou em você*  
*eu estou nele*  
*em nós*  
*e só quando*  
*estamos em nós*  
*estamos em paz*  
*mesmo que estejamos a sós*

*(Contranarciso, de Paulo Leminski)*



## **LISTA DE APÊNDICES**

Apêndice A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	41
--	----

## LISTA DE ANEXOS

Anexo A. Parecer consubstanciado .....	45
--	----

Andrade, R. M. (2023). Grupo operativo como ferramenta de supervisão para profissionais que atuam com grupos de inspiração psicanalítica. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/SP.

## RESUMO

A supervisão é ferramenta fundamental para coordenação e manejo de grupos de inspiração psicanalítica. Tradicionalmente, os grupos operativos são utilizados em equipamentos públicos de saúde e assistência social, assim como em iniciativas privadas. Considerando os benefícios na promoção de saúde e no processo de formação, ensino e aprendizagem, a supervisão grupal com profissionais que coordenam grupos, proporcionam ferramentas de trabalho para aqueles que se deparam com a prática grupal e para quem tem a tarefa de conduzir as supervisões. **Objetivo:** Por meio de grupos operativos, supervisionar o trabalho de grupos de inspiração psicanalítica, verificando de que maneira ocorrerá a incorporação e assimilação da aprendizagem acerca do conteúdo trabalhado, identificando conteúdos emergentes no contexto grupal, objetivando promoção de ensino/aprendizagem. **Métodos:** Estudo de cunho qualitativo com profissionais que atuam na coordenação e manejo de grupos de inspiração psicanalítica. Participaram do presente estudo sete psicólogas que atuam no projeto “Novo Olhar”. Para coleta de dados, foram realizadas supervisões de casos clínicos que ocorreram quinzenalmente com a duração de uma hora e totalizando dez encontros. Ao final de cada encontro foi confeccionado um diário de campo que forneceu os dados para análise. **Resultados e Discussão:** A partir do grupo operativo de supervisão, foi possível promover ensino e aprendizagem por meio da incorporação e assimilação dos conteúdos apresentados. Além disso, o espaço grupal pôde propiciar aspectos de promoção de saúde mental para os participantes, uma vez que abre espaço para circulação de afetos e ideias.

**Palavras-chave:** Grupo Operativo. Processos Grupais. Promoção em Saúde. Supervisão no Trabalho.

Andrade, R. M. (2023). Grupo operativo como ferramenta de supervisão para profissionais que atuam com grupos de inspiração psicanalítica. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/SP.

## ABSTRACT

One essential technique for organizing and leading groups with a psychoanalytic bent is supervision. Operative groups have historically been employed in private projects, public health institutions, and social aid programs. With professionals who coordinate groups and their theoretical systematization, and taking into account the advantages in health promotion, training, teaching, and learning, as well as group supervision, work tools are produced for those who must supervise groups as well as for those who are faced with practicing in groups.

**Objective:** Monitor and oversee the activity of operative groups through operative groups, confirming how learning about the subject will be incorporated and assimilate, detecting emerging content in the group environment, and mediating the promotion of teaching and learning. **Methods:** Qualitative research with experts in the administration and arranging of groups with a psychoanalytic influence. This study involved seven psychologists involved in the "Novo Olhar" initiative. Clinical case supervision, which lasted one hour and involved ten meetings overall, was conducted every two weeks for the purpose of gathering data. Each meeting concluded with the creation of a field journal with data for examination. **Results and Discussion:** By incorporating and assimilating the offered knowledge, the operational oversight group was able to support teaching and learning. Additionally, because the group environment allows for the exchange of ideas and affections, it has the potential to support the participants' mental health in other ways.

**Keywords:** Operative Group. Group Processes. Health Promotion. Supervision at Work.

## APRESENTAÇÃO

Atualmente no Brasil, o grupo operativo é amplamente utilizado como ferramenta de promoção de saúde mental em equipamentos públicos de saúde como CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) e UBS (Unidade Básica de Saúde), além do setor privado, em hospitais e ONGs (Organizações não governamentais). Diversos profissionais de diferentes áreas, como a psicologia, enfermagem e assistência social se utilizam da ferramenta, muitas vezes sem supervisão e com pouca trajetória teórica. Assim sendo, propostas que compreendam modelos de supervisão a partir de casos clínicos, contribuem para produção técnica e teórica sobre o manejo de grupos operativos (Nascimento & Galindo, 2017).

Os efeitos dos trabalhos com grupos operativos nos contextos sociais e comunitários são expressivos, tendo em vista a constante produção científica sobre o tema, tanto no que diz respeito a evolução teórica, quanto nos relatos de experiências práticas.

É relevante do ponto de vista científico, a produção de conteúdo acadêmico sobre o assunto e seus pormenores. A produção consistente a respeito do tema, pode alcançar profissionais que se deparam com a prática, ou que objetivam a ampliação teórica.

Este trabalho foi realizado junto ao projeto “Novo Olhar”, que realiza atendimentos grupais a partir do referencial psicanalítico. O grupo “Novo Olhar” conta com 7 psicólogas e realiza suas atividades na paróquia da Redentora na cidade de São José do Rio Preto, São Paulo, desde 2007. O grupo se propõe a realizar atendimentos através de plantões psicológicos e grupos operativos. A demanda chega ao projeto de forma espontânea e a psicóloga que realiza a triagem faz o encaminhamento para a modalidade de atendimento que julgar adequada. O grupo se denomina de abordagem psicanalítica e historicamente conta com constante formação teórica e supervisão dos casos dentro da teoria psicanalítica e da psicanálise de grupos.

## INTRODUÇÃO

O trabalho grupal é um espaço de promoção de saúde que possibilita novas formas de atribuição de significados e aprendizagem que são importantes para a manutenção da saúde mental. O processo de aprendizagem ativo tem potencial transformador na vida do sujeito, visto que leva experiências adquiridas em grupo para o seu contexto de vida (Silva et al, 2018).

Existem registros das constituições grupais desde o início do processo civilizatório humano. Os seres humanos se juntavam em grupos ao longo da história por motivos distintos, mas interligados por questões relacionadas à proteção, formação de identidade coletiva e satisfação individual (Caldeira & Ávila, 2022).

Compreender as dinâmicas grupais implica na compreensão da constituição do sujeito através do grupo. Ávila (2007) descreve o processo de inter-relação entre indivíduo e grupo de maneira acurada. Segundo o autor, o indivíduo é constituído a partir de uma atribuição grupal, ou seja, seu lugar simbólico no mundo está condicionado à designação grupal. Tal afirmação desconstrói a ideia de que o indivíduo seja soberano ao grupo, subvertendo-a ao seu contrário, o grupo é soberano ao indivíduo. A humanização do indivíduo depende da sua relação com o outro. Há a necessidade, por exemplo, de um segundo indivíduo que exerça a função materna. Em outros termos, não é apenas a constituição intrasubjetiva que estrutura o eu, mas, sobretudo, deve-se considerar a dimensão intersubjetiva como pedra angular em sua constituição.

Segundo Nascimento & Galindo (2017), o trabalho com grupos ganhou espaço no sistema público brasileiro, principalmente durante o período da reforma psiquiátrica. O grupo operativo, independente do contexto em que está inserido, promove participação ativa dos membros frente às tarefas explícitas e implícitas inerentes a tal modalidade. No contexto da saúde, por exemplo, o participante assume papel ativo e co-participante frente ao seu tratamento; na educação, assume responsabilidade por sua aprendizagem. O empoderamento propiciado pelo trabalho grupal gera o processo de aprendizagem ativo e crítico.

Contudo, para maior compreensão da aplicação dos métodos de trabalho com grupos nas instituições e, sobretudo, de sua eficácia e importância histórica na construção de políticas públicas em saúde e assistência social, é importante refazer o percurso histórico dos principais pensadores e seus conceitos teóricos.

### **Movimento histórico da psicanálise de grupos**

O médico Joseph Henry Pratt foi pioneiro no registro histórico do trabalho com grupos. No ano de 1905, deu início ao manejo de grupos com tuberculosos nas salas de espera dos *dispensários*, onde ministrava aulas aos doentes, pontuando sobre o tratamento, higiene pessoal e estratégias de enfrentamento à doença. O grupo ministrado por Pratt era homogêneo e apresentou relativo sucesso na melhora dos pacientes. A evolução dos pacientes nos grupos ministrados por Pratt se deve à relação que os pacientes desenvolviam com o terapeuta, ao aumento da sensação de importância, além do relato de pacientes que testemunharam suas melhorias devido à sua participação em grupos anteriores (Boris, 2014).

Pouco tempo depois, em 1910, Moreno inicia seu trabalho com grupos, associando técnicas do teatro à psicologia, transformando a psicoterapia verbal em ação. O autor foi o criador do psicodrama, que consiste em uma técnica na qual os pacientes desenvolvem soluções criativas e espontâneas através da representação de papéis frente a uma situação-problema, propiciando efeitos terapêuticos (Boris, 2014). Para Moreno (1921), o desenvolvimento egóico individual depende da participação de figuras que realizam o papel de egos auxiliares, como pai, mãe e professores. O autor considera cinco elementos para o trabalho psicodramático: a *cena*, correspondente ao local e o momento onde a produção é realizada; o *protagonista*, sendo o paciente que irá direcionar a cena; o *diretor*, sendo o psicoterapeuta que irá manejar a cena; os *Egos auxiliares* que irão contracenar com o protagonista; e, por fim, o *público*, que irá assistir à cena.

Ao refazer o percurso histórico dos principais expoentes no trabalho com grupos, é impossível deixar de fora Kurt Lewin, um dos pioneiros da Gestalt terapia. O autor foi um dos primeiros a refletir sobre a dinâmica de grupos, separando o grupo da massa — detalhe que se evidencia em sua célebre e mais conhecida citação “o todo é maior do que a soma das partes”. Com isso, o autor conclui que a totalidade do grupo tem o funcionamento dinâmico diferente do acúmulo de indivíduos. Kurt Lewin era adepto da pesquisa-ação, estando sempre no campo da atuação (Fernández, 2006).

Kurt Lewin e sua teoria do campo teve certa influência sobre os psicanalistas de grupos da época. Contudo, a psicanálise de grupos desenvolveu uma história particular, que será tratada a seguir neste trabalho (Kaës, 2001).

O percurso histórico do movimento psicanalítico com o trabalho de grupos foi longo e passou por diversos entraves e divergências nas escolas de psicanálise. Freud cria a psicanálise vislumbrando principalmente o estudo da mente individual. O autor tinha como objeto de estudo a cura através do acesso ao inconsciente intrapsíquico do paciente em análise. Porém, mesmo que especulativamente e sem ensaios clínicos, o autor desenvolve conceitos fundamentais para o desenvolvimento do trabalho psicanalítico com grupos, como o de massificação, alienação e identificação (Kaës, 2001).

O texto freudiano fundamental para compreensão dos fenômenos grupais, é o “O mal-estar na civilização”, de 1930, que conclui que o homem não é um ser naturalmente bom, e reage com agressividade às situações de infortúnio. A agressividade é potencialmente destrutiva à sociedade, devendo ser reprimida para manutenção da ordem social. Freud conclui que viver em grupos é vivenciar o mal-estar, renunciar ao princípio do prazer em prol da participação na cultura. Para se satisfazer, o homem deve buscar seus interesses individuais na psicologia das massas. Em *Psicologia de Grupo e Análise do ego* (1920-1923), Freud demonstra a existência de dinâmicas inconscientes intersubjetivas, especificamente na



identificação. No texto, Freud aponta que o líder ocupa o lugar do Ideal de Eu, e que os indivíduos têm no grupo uma espécie de espaço de conflito entre as necessidades narcísicas e a formação dos vínculos. Somos constituídos a priori pelas identificações com o outro e, no grupo, o líder é colocado no lugar de ideal, sendo a fonte das identificações.

Mesmo com os percalços na transposição do grupo para clínica, o tema sempre foi importante objeto de estudo e compreensão na teoria psicanalítica, entretanto, objeto de resistências e temor. Freud, em sua viagem para os Estados Unidos, encontra Trigant Burrow, que pertencia ao mesmo movimento de Pratt. Burrow expõe a Freud seu interesse no trabalho com grupos, sendo desestimulado pelo criador da psicanálise. Em outro exemplo, Melanie Klein pressiona Bion a abandonar seu interesse pela psicanálise com grupos, e ainda com Lacan, argumentando que o grupo se desdobraria em efeitos imaginários que dificultam o trabalho pela via do simbólico (Kaës, 2001).

Apesar da resistência dos movimentos psicanalíticos na primeira metade do século XX, diversas questões sociais do período demandam novas modalidades de intervenção, diferentes do constructo analista-paciente. As demandas sociais da época geraram certa tensão para que analistas que percebiam os movimentos sociais forjassem a psicanálise de grupos. Os primeiros psicanalistas que trabalhavam com grupos, na prática, estavam envolvidos com pacientes psiquiátricos graves, em dispositivos institucionais ou, ainda, nos cuidados daqueles que vivenciavam o pós-guerra. Tais práticas, ao invés de tratar o sujeito, agravavam ainda mais seu quadro. Pichon-Rivière (2005) na Argentina e S.-H Foulkes na Inglaterra, vivenciaram essas dificuldades e tentaram buscar alternativas de tratamento, uma vez que outras abordagens estavam obtendo resultados limitados. A partir da década de 40, os psicanalistas que trabalhavam nas instituições se deparavam com efeitos da guerra na subjetividade e no adoecimento psíquico da população. Nesse contexto, foi pertinente desenvolver formatos econômicos de atuação, inclusive do ponto de vista financeiro, e que absorvessem a demanda.

O grupo como dispositivo terapêutico se enquadra nas demandas da época, facilitando o atendimento de mais pessoas simultaneamente, com menor custo e com resultados expressivos.

Os primeiros teóricos da psicanálise de grupos não eram “puristas” da teoria psicanalítica, realizando interrelação com teorias da sociologia e pedagogia, por exemplo. Somente a posteriori se inicia a construção de uma metapsicologia da intersubjetividade (Kaës, 2001).

Renè Kaës em seu livro intitulado “Um singular plural”, de 2001, faz um apanhado histórico sobre o movimento psicanalítico de grupos e, para isso, retorna aos primeiros analistas que se dedicaram à teoria e a prática deste trabalho. Nos anos 40 foi fundado em Londres a corrente que deu origem à “grupanálise”, tendo Foulkes como seu principal expoente. Foulkes compreende o grupo como uma totalidade que precede as partes e não é igual a soma das partes. O indivíduo é um ponto de amarração da rede grupal, e sua doença pode ser reproduzida no interior do grupo, onde acontecem a transferências de elementos primitivos no novo grupo que se forma (Kaës, 2001).

Foulkes propunha como metodologia fundamental o trabalho com grupos verbais, que objetivava interpretar e compreender o grupo em sua totalidade no *aqui e agora*. O autor considerava a transferência apenas do ponto de vista grupal; “a noção de ressonância fantasmática inconsciente entre os membros do grupo” (Kaës, 2001, p.35), as tensões que se dão a partir das fantasias inconscientes e o grupo como matriz determinante para as demais interações. O grupo opera como um espelho para os participantes, enquanto visualizam a angústia do outro, aliviam sua própria angústia. Em suma, a “grupanálise” transpassa a experiência do dispositivo psicoterapêutico individual para psicanálise no enquadre grupal. A “grupanálise” se propõe a atender apenas pacientes neuróticos, não modificando o enquadre e o “setting” conforme o público alvo (Kaës, 2001).

Contemporâneo de Foulkes, Bion iniciou seu trabalho com grupos no pós-guerra, atuando com ex-combatentes e ex-prisioneiros, e tinha como intuito o desenvolvimento de recursos que auxiliassem os pacientes a solucionar os próprios conflitos. Posteriormente, foi convidado para trabalhar na Clínica da Tavstok, desenvolvendo grupos com a clientela da instituição (Fernández, 2006).

Do ponto de vista teórico, o autor considera fundamentos centrais da psicanálise, como transferência e contratransferência, para em seguida adicionar suas contribuições. Bion aponta que a tarefa realizada em grupo apresenta aspectos conscientes e racionais voltados para questões práticas, e aspectos inconscientes e primitivos que impedem a realização da tarefa. Em seus avanços conceituais em prol da psicanálise de grupos, propõe o conceito de mentalidade grupal, que corresponde ao conjunto de desejos inconscientes individuais contidos no grupo. A mentalidade grupal permite a satisfação das pulsões de desejos dos membros do grupo com a condição de um acordo de vida que protege o grupo dos supostos básicos, que por sua vez impede o amadurecimento do grupo. Para Bion (1975), os supostos básicos são de: *dependência* (onde o grupo busca elementos imaginários, geralmente na figura do líder, para obter a sensação de segurança); de *luta ou fuga* (onde o grupo elege um elemento para depositar suas angústias persecutórias, que vira alvo de ataques ou provoca a evasão dos membros do grupo) e de *acasalamento* (idealização de que a união grupal resolveria todos os conflitos). Tais elementos são, sobretudo, inconscientes e representam as fantasias submetidas aos processos primários. Os supostos básicos funcionam como mecanismo de defesa contra a angústia regressiva, natural da situação grupal (Kaës, 2001).

Bion (1975) postulou que o coordenador de grupos deve assumir um papel de passividade, interferindo pouco na movimentação do grupo, exatamente para que o grupo se organize em torno da passividade do coordenador. A recusa do papel de liderança do

coordenador propicia um grupo genuinamente democrático, subvertendo a adesão imaginária frente a figura do líder em prol de uma movimentação simbólica.

Na Argentina, José Bleger (1987) foi um importante psicanalista de grupos e trouxe grandes avanços para teoria da psicanálise de grupos e para análise institucional. O autor formulou os conceitos de *enquadre*, *núcleo aglutinado* e de *depósito*, além da *sociabilidade sincrética e por interação*. A sociabilidade sincrética está relacionada a questões do inconsciente primitivo e sua relação com o grupo e a sociabilidade por interação se relaciona às trocas intersubjetivas entre os membros dos grupos, porém as duas operam alternadamente no mesmo grupo. Já o depósito de núcleo aglutinado corresponde àquilo que faz o sujeito e o grupo criarem uma unidade identificatória, uma vez que sua diferenciação gera angústia.

Contemporâneo de Bleger e também vivendo na Argentina, o psiquiatra Pichon-Rivière foi o criador dos grupos operativos que nasceu hegemonicamente por meio de sua prática. Pichon-Rivière, trabalhou no hospital psiquiátrico, e se deparou com uma greve geral de enfermeiros. Com isso, teve de desenvolver estratégias para manter os cuidados com aqueles que estavam internados. Pichon montou grupos com os pacientes “menos comprometidos” ensinando os cuidados a serem realizados com aqueles “mais comprometidos”. Com o passar do tempo, o psiquiatra percebe uma significativa melhora, tanto naqueles que realizaram os cuidados, quanto naqueles que os receberam. Pichon formula a hipótese de que, ao assumir os cuidados, os pacientes assumem posição ativa e de responsabilidade, e os que recebem os cuidados, ao observarem os colegas assumindo o papel de cuidador, sentem que eles mesmos poderiam realizar tais tarefas (Nascimento & Galindo, 2017).

O grupo pichoniano é sempre centrado na tarefa, que funciona de maneira dialética com o grupo e seus membros. A tarefa apresenta aspectos explícitos e implícitos. Segundo Nascimento & Galindo (2017), além da tarefa explícita, que é o objetivo manifesto do grupo, como, por exemplo; “refletir sobre a aula teórica”, o coordenador do grupo operativo trabalha

a tarefa implícita, que segundo Pichon – Rivière (2009), corresponde a ansiedades básicas de perda e ataque, ou seja, toda vez que alguém entra em um grupo, sente medos de perda de algo de si, como alguma ideia, por exemplo, ou de sofrer algum ataque, por chegar com uma série de conceitos e esquemas individuais estereotipados prévios àquele grupo, que Pichon nomeia de ECRO (Esquema Conceitual Referencial Operativo).

O ECRO pode ser definido como um conjunto de conceitos gerais organizados, teóricos, referidos a um setor real, ou seja, é o conjunto histórico individual de sistemas de experiências e afetos com os quais o sujeito pensa/age/sente (Medeiros & Santos, 2011). Pichon-Rivière (2009), aponta que o ECRO atua como interface entre a psicologia individual e a psicologia social. O autor especifica o Esquema Conceitual como um conjunto de ideias que podem ser universalizadas e que se correlacionam entre si, podendo ser testadas de acordo com o meio social. O “R” de referencial representa o campo ou parte da realidade ao qual o esquema conceitual está referido, e por fim, o “O” de operatividade alude à possibilidade de operatividade deste esquema no meio social. Pichon destaca a importância que o trabalho com grupos deve ter em relação ao meio social em que está inserido, estabelecendo uma relação dialética segundo o modelo de tese, antítese e síntese. O grupo deve promover aprendizagem e adaptação ativa à realidade, possibilitando modificações de ECROS, que produzem paralisações e adoecimento aos indivíduos inseridos em determinado meio.

O trabalho dos medos e ansiedades básicas no contexto grupal são importantes para quebrar estereótipos e propiciar adaptação ativa e crítica à realidade. Dentro do processo grupal pichoniano, temos o momento da pré-tarefa, da tarefa e do projeto. A pré-tarefa corresponde ao momento em que as ansiedades básicas de perda e ataque impossibilitam a realização da tarefa; a tarefa é quando o grupo consegue interagir, criando vínculo para realizar a tarefa, e o projeto corresponde ao momento em que os participantes do grupo conseguem projetar o aprendizado adquirido para seu contexto de vida (Nascimento & Galindo, 2017).

O coordenador deve propiciar vínculos e autonomia do grupo em realizar a tarefa. No contexto institucional, o espaço grupal corresponde ao momento em que os participantes podem falar e escutar a respeito do que estão vivendo, seja no tratamento da adicção, transtorno psiquiátrico ou no processo de formação profissional (Nascimento & Galindo, 2017).

Pichon-Riviere (2009) utiliza alguns indicadores para avaliar os sujeitos implicados em um grupo operativo; a pertença, que corresponde a identificação com as normas que regem o grupo; a cooperação, que corresponde a disponibilidade em cooperar com os papéis complementares na realização da tarefa; a pertinência que corresponde a superação do medo à mudança e a capacidade de focar-se na tarefa; a comunicação; que condiz à integração da informação de membros e coordenadores do grupo; e a tele; que corresponde à disponibilidade dos membros do grupo em relação aos colegas, a tarefa e aos coordenadores.

Os autores contemporâneos Caldeira & Ávila (2021), reafirmam a importância e eficácia do grupo operativo na atualidade. No trabalho de revisão publicado pelos autores no ano de 2021, foram encontrados artigos que apontam os benefícios das intervenções grupais no sistema público de saúde com crianças e adolescentes. Se evidenciaram também, trabalhos com foco nos profissionais da saúde, com tarefas reflexivas que obtiveram efeitos terapêuticos e de aprendizagem. Outros trabalhos encontrados, foram realizados dentro do sistema público de assistência social, apresentando resultados relacionados ao processo de ensino e aprendizagem, restabelecimento de vínculos e elaboração de vivências subjetivas.

Caldeira & Ávila (2022), pontuam a preferência do Ministério da Saúde na escolha dos grupos operativos para atuação em setores primários. Tal escolha é motivada pela promoção e prevenção em saúde, e pela articulação entre indivíduo e sociedade, que concernem o trabalho com grupos operativos.

Os grupos operativos foram se atualizando com o passar dos anos e a partir de experiências e produções práticas e teóricas dos autores que sucederam Pichon-Rivière. O

grupo reflexivo é uma modalidade do grupo operativo, e foi umas das ampliações da técnica. Nos grupos reflexivos, os participantes têm como tarefa refletir sobre algum tema proposto pelo coordenador, que considera a escolha do tema a partir da leitura diagnóstica do contexto dos participantes. A experiência compartilhada no contexto grupal, promove a circulação de ideias e afetos, superando estereótipos de conhecimentos prévios cristalizados, abrindo espaço para diferentes tipos de compreensão em um contexto seguro, ético, e que garante o sigilo dos participantes (Emílio, 2021).

O francês René Kaës é um dos principais psicanalistas de grupos em atividade, além de ser um expoente histórico no desenvolvimento da teoria e do campo da psicanálise de grupos. Kaës (2001), compreende o grupo como intermediário entre o sujeito individual, com todos os seus conflitos pulsionais e corporais e o meio social, que é circunscrito por uma rede de regras, normas e valores. O autor entende que devemos aplicar a escuta psicanalítica ao grupo, e pensar a teoria psicanalítica a partir dos efeitos e particularidades das dinâmicas grupais, e não somente encaixar a teoria sobre o psiquismo individual no grupo. Kaës (2001) teorizou os fenômenos grupais a partir das dinâmicas inconscientes intersubjetivas, através das projeções, introjeções, relações objetais, fantasias originárias e complexos familiares.

Ainda para Kaës (2001), existem aspectos da psicopatologia social atual, que não é comportado pela terapia bi-pessoal, pois a patologia que emerge é da ordem vincular. Sendo assim, o trabalho psicanalítico grupal é certo no tratamento de demandas das psicopatologias vinculares, na medida em que é espaço potencial para emergência de crises vinculares intersubjetivas.

### **A psicanálise das configurações vinculares**

É importante apontar que a psicanálise necessita de desenvolvimento na técnica e na teoria para dar conta das demandas do trabalho com grupos. Com isso, autores como Janine Puget e Isidoro Berenstein desenvolveram o conceito de psicanálise vincular, que considera

fundamentalmente o vínculo, o interpessoal, intrapsíquico e o transobjetivo (Fernandes, 2021, p.43).

De acordo com Fernandes (2021, p. 43), o espaço intrapsíquico é constituído pelo aparelho psíquico postulado por Freud e nele estão presentes as fantasias, sonhos e representações de si. O intrapsíquico ainda corresponde a relação que o sujeito estabelece consigo mesmo e com seu inconsciente. O interpessoal corresponde ao espaço relacional entre o sujeito e o outro e é constituído a partir das primeiras relações do indivíduo e reproduzido nas demais relações de sua vida. O sentimento de pertencimento advém da dinâmica interpessoal. O espaço transobjetivo está relacionado à cultura, aos mitos, às leis, ou seja, aquilo que nos transcende.

Bion contribui imensamente nas formulações teóricas sobre o vínculo, o autor admite a existência de três instâncias presentes nas respostas emocionais suscitadas pela vinculação; o vínculo K, que corresponde a busca de conhecimento sobre o objeto, o vínculo L, referente ao amor e o vínculo H referente ao ódio (Fernandes, 2021).

Fernandes (2021), aponta que nos grupos, principalmente no contexto institucional, o vínculo K, costuma sofrer ataques exatamente porque o conhecimento ou novas ideias, são potencialmente transformadoras nas dinâmicas grupais, alterando o que já estava estabelecido.

Considerando os aspectos vinculares, o coordenador deve facilitar as interações entre os membros do grupo, e proporcionar maior reconhecimento de si, considerando a autonomia do outro, além de fazer-se respeitar (Fernandes, 2021).

Pichon-Riviere, psicanalista de formação, foi um dos pioneiros no desenvolvimento do conceito de vínculo aplicado às interações grupais, a partir do olhar psicanalítico. Para o autor, o sujeito interage com o meio, transformando e sendo transformado dialeticamente. Bion, postula que toda relação vincular, resulta em uma experiência emocional. Contudo, ao trabalhar



com grupos, devemos considerar a dimensão vincular, seja pela inter e transobjetividade ou ainda pela transferência e contratransferência (Fernandes, 2021).

### **Supervisão e psicanálise**

Todos que trabalham com psicologia e psicanálise aprendem sobre a importância da supervisão no processo de formação e atuação profissional, no trabalho com grupos não é diferente, a supervisão é fundamental para compreensão dos processos implícitos e explícitos da dinâmica grupal. A supervisão representa um dos 3 pilares estabelecidos na formação do psicanalista ou do terapeuta psicanalítico, juntamente com a análise pessoal e o estudo teórico. A supervisão é um dos métodos mais antigos de educação para ensinar um ofício, configurando um espaço de ensino-aprendizagem através de uma relação humana passível de elementos subjetivos e inconscientes evocados no supervisor e nos supervisionandos. De modo geral, o supervisor é um profissional com maior experiência clínica e conhecimento teórico do objeto de trabalho supervisionado (Saraiva & Nunes, 2007).

Mesmo que de forma embrionária, a supervisão pôde ser observada nos primórdios da psicanálise através das correspondências entre Freud e Fliess. Desde o início de sua construção teórica, Freud trocava cartas com Fliess, que era médico e entusiasta da psicanálise. Nas cartas trocadas, Freud expunha sua construção teórica e vinhetas de sua atuação clínica, recebendo respostas de Fliess com opiniões e orientações sobre o conteúdo apresentado. Freud dava imenso valor às opiniões do colega, que influenciou de maneira considerável o desenvolvimento da teoria e da técnica psicanalítica. Com isso, podemos perceber que mesmo não sendo oficialmente nomeado como espaço de supervisão, a relação entre Freud e Fliess tinha os componentes necessários para que uma supervisão aconteça. Era notável entre eles, uma relação transferencial, na qual Freud direcionava demanda de saber a Fliess, que correspondia através de suas orientações (Silva, 2019).

O papel da supervisão corresponde a transmissão de conceitos técnicos, teóricos e práticos para que o supervisionando realize seu trabalho de forma habilidosa e adequada, ou seja, a supervisão tem como pressuposto a formação do terapeuta a partir do processo de ensino-aprendizagem. O supervisor oferece *feedback* do trabalho realizado pelo supervisionando, demonstrando um olhar alternativo sobre suas intervenções e sobre a psicodinâmica do paciente. É importante que o supervisor tenha capacidade de continência, maturidade, disponibilidade e entusiasmo frente ao processo de supervisão, pois, a partir da relação supervisor-supervisionando molda-se parte das características de atuação clínica do supervisionando. O processo de supervisão consiste no momento em que um terapeuta ou grupos de terapeutas apresente seu material clínico para o supervisor que auxilia no direcionamento dos casos a partir de seu conhecimento e experiência (Saraiva & Nunes, 2007).

Saraiva & Nunes (2007) apud Zaslavsky et al. (2003) apontam elementos fundamentais no papel do supervisor:

- 1) incentivar a aliança de aprendizagem;
  - 2) manter um *setting* de trabalho;
  - 3) compreender o supervisionando e fazer-se compreensível para ele;
  - 4) identificar o conflito principal do material e formular hipóteses compreensíveis;
  - 5) auxiliar o supervisionando a reconhecer a resistência e a transferência na interação com o paciente, bem como suas manifestações contratransferenciais;
  - e (6) reconhecer suas próprias manifestações contratransferenciais na relação com o supervisionando.
- (p.263)

Entretanto, a supervisão apresenta impasses quando elementos contratransferências do supervisor aparecerem em demasia, ou ainda, por meio de uma atitude autoritária que reprime o supervisionando, que acaba por não levar para a supervisão todo matéria clínico devido ao medo de se expor. Considerando a transferência e contratransferência no processo de supervisão, temos por consequência, elementos como identificação projetiva e outras

superposições e inter-relações presentes na dupla, que podem interferir de maneira negativa na dinâmica da supervisão.

Silva (2019) enfatiza a presença de elementos clássicos da psicanálise dentro do processo de supervisão, a transferência estabelecida com o supervisor apresenta a mesma medida de importância que a transferência com o analista.

Para Rocha (2001), na medida que o supervisor se coloca na posição do saber absoluto que se propõe a tamponar todas as angústias, o processo pode se estagnar, pois o saber do supervisionando é esvaziado. Por isso, a criação de modelos rígidos de supervisão é contraindicada.

A supervisão em grupo apresenta como ponto positivo, a possibilidade de reflexão sobre diversos casos, ampliando possibilidades de escuta com diferentes tipos de manejo (Saraiva & Nunes, 2007). A supervisão realizada em grupo faz do grupo, um grupo de trabalho, que além da função de investigação que possibilita efeitos terapêuticos, propicia o papel coparticipativo dos indivíduos envolvidos, gerando uma espiral dialética transformadora, devido à aprendizagem que ocorre através da troca de experiências.

Guatarri (2004), discorre sobre os grupos transversais, onde o grupo-sujeito deve abrir mão de sentidos prontos, e privilegiar as construções de novos sentidos, possibilitando a inovação e criação dentro da experiência grupal.

Na supervisão de grupos, deve-se estar atento às dinâmicas inconscientes grupais, para que se instaure o dispositivo de supervisão. Um grupo em supervisão deve estar aberto a novas possibilidades, desenvolvimento autonomia e apropriação do saber construído coletivamente. Vale frisar, que a supervisão tem papel formativo, aqueles que passam por supervisão podem em algum momento se tornar supervisores.

Saraiva e Nunes (2007) concluem em seu artigo de revisão sistemática da literatura, que a supervisão ainda é pouco discutida no meio científico, necessitando de mais estudo e

investigação. Quando citada, aponta-se para importância da relação terapêutica no processo, o papel do supervisor e seu referencial teórico. Com isso, ainda se observa escassez na produção de estudos que considerem o processo de ensino-aprendizagem na supervisão.

Rocha (2001) aponta para carência de estudos empíricos sobre a supervisão, pois tais produções formam base para a prática e novos trabalhos sobre o tema. Tal fator demonstra que existe pouca discussão sobre o tema, dificultando sua sistematização. Um dos fatores que dificulta a pesquisa empírica sobre o assunto, é a possível dificuldade em coletar dados, necessitando de gravações e transcrições, além de um sistema de anotações sobre as sessões. Publicações mais recentes, como o de Gomes e Reis (2022) apontam os temas que têm sido abordados com maior frequência no meio científico, dentre eles estão a intersecção entre transmissão e ensino da psicanálise por meio da supervisão, sobre a importância da supervisão nas clínicas-escola das universidades, e ainda na função do acolhimento do supervisor no processo de aprendizagem. Com isso, pode-se observar a precariedade de estudos que tratam do papel do supervisor ou ainda quem faz uma revisão sobre a produção científica pertinente ao tema.

Tendo em vista a importância e prevalência dos trabalhos com grupos operativos no sistema público de saúde brasileiro, estudos que explorem e compreendam os processos da supervisão de equipes que trabalham na coordenação desses grupos é fundamental para ampliação do aporte teórico. Além de habilitar os profissionais que participaram dessa pesquisa e aqueles que porventura entrem em contato com o material produzido.

**OBJETIVO GERAL**

- Analisar através de grupos operativos, o processo de supervisão de profissionais que coordenam grupos de inspiração psicanalítica no município de São José do Rio Preto, São Paulo.

**OBJETIVO ESPECÍFICO**

- Verificar de que forma ocorre a assimilação e incorporação de experiências por meio da supervisão do trabalho com grupos.

## MÉTODOS

O método realizado neste trabalho é de tipo qualitativo e foi escolhido por realizar a incorporação de significados, aproximando o sujeito do objeto e promovendo o surgimento de aspectos inerentes à subjetividade individual e grupal (Minayo, 2010).

A coleta de dados contou com o delineamento metodológico da pesquisa-ação, que visa realizar uma pesquisa social com base empírica. Sua operacionalização metodológica tem relação com um plano de ação ou resolução de alguma problemática coletiva, onde o pesquisador está envolvido cooperativamente na tarefa. Nesse sentido, o pesquisador planeja uma ferramenta de intervenção, que além de colher dados, tenha papel transformador da situação problema que a população estudada apresenta (Koerich et al., 2009).

Na pesquisa-ação o pesquisador identifica um problema dentro da comunidade considerando seu contexto, e para isso realiza um levantamento de dados para uma análise posterior. Em seguida, categoriza os dados por significância, identificando quais pontos apresentam necessidade de mudança, formulando intervenções cujo objetivo é transformar os aspectos problemáticos observados nos dados levantados. Essa modalidade de metodologia de pesquisa, permite aliar teoria e prática através de uma ação com potencial transformador (Koerich et al., 2009).

Segundo Koerich et al. (2009), a pesquisa-ação considera três dimensões dentro da pesquisa qualitativa; a dimensão ontológica, a epistemológica e a metodológica.

A dimensão ontológica, corresponde a aprendizagem ou alteração no sujeito singular, como algo que possa alterar sua prática, considerando fins coletivos. A dimensão epistemológica, diz respeito à intersubjetividade dialética do coletivo. O conhecimento adquirido na pesquisa é proveniente do movimento dialético que inclui inclusive o pesquisador, ou seja, o conhecimento produzido é explicado a partir da observação dentro do circuito

dialético entre pensamento e ação. Por isso o saber produzido é transformador, pois é feito pelo coletivo (Koerich et al., 2009).

Do ponto de vista da dimensão metodológica, deve-se considerar a interpelação entre a dimensão ontológica e epistemológica, além de considerar o contexto em que a pesquisa está sendo realizada. A pesquisa-ação deve ser flexível e aplicada no ambiente natural do grupo estudado, devendo priorizar a construção/ressignificação do conhecimento. O espaço deve ser aberto para produção de sínteses provisórias que vão se estabelecendo com o caminhar do grupo e do pesquisador, o ciclo do processo investigativo da pesquisa-ação deve contemplar planejamento, ação, reflexão, pesquisa e replanejamento se necessário (Koerich et al., 2009).

Ainda para Koerich et al. (2009); a pesquisa-ação agrega discussões e explicações e possibilita gerar um conhecimento descritivo e crítico acerca das situações vivenciadas nos espaços organizacionais e sociais. Possibilita, de outro modo, expressão e reflexão a respeito dos significados e sentimentos dos participantes e seus pares atribuídos ao processo de avaliação de desempenho (Koerich et al., 2009, p. 77).

Na área da saúde, a pesquisa-ação é uma importante ferramenta metodológica, por promover uma ação intersubjetiva, podendo agregar valores, afetos, sentimentos e ações, aproximando as relações entre sujeito e objeto e teoria e prática.

### **Instrumentos**

Para coleta de dados foram utilizados os instrumentos que estão descritos a seguir:

O diário de campo é um instrumento construído de maneira contínua e constante, abrangendo detalhadamente todo o processo da pesquisa e tem por meta objetivar a vivência grupal. Após cada sessão o pesquisador faz anotações da sessão com o objetivo de obter maior abrangência de detalhes e percepções. Tal instrumento contribui na documentação de fatos vivenciados na prática. Além de registrar as sessões grupais, funciona como revisor das intervenções realizadas pelo pesquisador no manejo dos grupos. O diário de campo permite

uma leitura reflexiva das sessões realizadas, à medida que não se detêm apenas a aspectos empíricos, mas sobretudo às vivências e experiências assimiladas (Freitas & Pereira, 2018).

### **Participantes**

Participaram do presente estudo sete psicólogas, com experiência no trabalho com grupos de inspiração psicanalítica e que atualmente estavam com grupos em andamento. As participantes tem idades entre 40 e 65 anos, são voluntárias do projeto “Novo Olhar” a mais de dez anos, e atendem pacientes individualmente em seus consultórios particulares. A maior parte das psicólogas que participaram da pesquisa, estão formadas há mais de 30 anos, com exceção de uma delas que tem dez anos de formada.

O trabalho do grupo “Novo Olhar”, ocorre há 16 anos, é longo e consistente, com importante histórico de formação teórica e supervisão. O grupo contou com supervisores amplamente reconhecidos dentro da perspectiva psicanalítica de atendimentos grupais. As profissionais sempre buscaram ferramentas teóricas para o trabalho, realizando grupos de estudos e formação em importantes escolas de psicanálise de grupos como o NESME em São Paulo. O trabalho que ocorre em parceria com a Igreja da Redentora, é gratuito e voluntário. A porta de entrada para os grupos, são plantões psicológicos disponibilizados em horários específicos pelas psicólogas do projeto. Ao final do atendimento realizado pelo plantão, os pacientes são encaminhados para os grupos já existentes, de acordos com a disponibilidade de horário.

### **Procedimento**

Os participantes receberam o convite para participar do grupo de supervisão fechado, com número fixo de pessoas, realizado nas dependências da Igreja da Redentora em São José do Rio Preto, SP. Os participantes que se enquadraram nos critérios de inclusão foram convidados pelo pesquisador para participação na pesquisa. O convite inicial foi feito através de contato telefônico, seguido de uma entrevista para apresentar os objetivos e métodos da



pesquisa, levantando o interesse de participação. Foram convidados profissionais que estavam trabalhando atualmente com a coordenação de grupos de base operativa e psicanalítica.

Os dados foram coletados a partir das anotações do pesquisador através do diário de campo. Ao final de cada encontro, o pesquisador descreveu as sessões cronologicamente, anotando frases ditas pelas participantes, de suas intervenções, além de suas impressões sobre cada sessão de supervisão.

As supervisões foram pautadas tecnicamente por meio do grupo operativo, que é vastamente utilizado como ferramenta de coleta de dados em pesquisa qualitativa, pois permite a participação do pesquisador como interventor, aproximando o fazer científico da comunidade.

Para Emílio (2021), no contexto de ensino e capacitação profissional ou formativa, o momento de reflexão potencializa a assimilação do aprendizado, no qual o conteúdo transmitido é intercambiado entre os participantes do grupo por meio dos relatos da experiência de cada participante.

Foram realizados dez grupos operativos de supervisão. Os dados foram coletados no período de cinco meses, estando vinculado à agenda dos profissionais.

#### **Critérios de inclusão**

- Profissionais que façam parte do corpo de atendimento de inspiração psicanalítica no projeto “Novo Olhar”.

#### **Critérios de exclusão**

- Profissionais de psicologia que atendem apenas individualmente.

### **Análise dos dados**

Os dados obtidos foram analisados de forma qualitativa, a partir da proposição de Bardin (1977). Tal método tem por objetivo apresentar uma análise crítica do conteúdo coletado pelo pesquisador, que foram distribuídos em categorias de sentido, o que possibilita a extração de sua interpretação, passando pela pré-análise, que consiste na organização inicial do material realizada por meio da leitura “flutuante” que objetiva estabelecer o primeiro contato com o material coletado, formular hipótese e indicadores que serão utilizados posteriormente na análise do material. A etapa seguinte é intitulada de exploração do material, e é o momento da pesquisa onde os temas emergentes são codificados e classificados em categoriais que consideram semelhanças e diferenças e são organizadas em blocos subsidiando a análise dos dados. A terceira e última etapa consiste no tratamento dos resultados, onde os dados são interpretados e correlacionados à luz da fundamentação teórica proposta no trabalho.

As categorias de sentido buscaram unificar temas que apareceram com maior frequência nas sessões, e ainda aqueles que levantaram questões que tiveram a função de redirecionamento no andamento do grupo. Para este trabalho foi realizado a junção de sentido em blocos, a partir de pontos que motivaram situações de divergências, semelhança e oposição. Foram criados subtítulos para cada um dos blocos de categorias que representassem o sentido global do tema. Cada subtítulo foi desenvolvido a partir da leitura do diário de campo, e buscou considerar sobretudo a fala das participantes.

Segundo Minayo (2010), a análise de conteúdo considera o material proveniente das falas e depoimentos dos participantes, para assim alcançar um nível mais profundo e que ultrapasse os sentidos manifestos.

A fundamentação teórica escolhida para análise dos dados se baseará na teoria de grupos operativos de inspiração psicanalítica, com ênfase nos conceitos desenvolvidos na obra

de Pichon-Rivière e René Kaës, além dos pressupostos teóricos psicanalíticos que dissertam sobre as supervisões clínicas.

### **Aspectos éticos**

Este estudo foi elaborado em congruência com a resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos. O pesquisador se responsabilizou por conduzir a pesquisa somente com a autorização prévia dos participantes, mantendo o anonimato e sigilo dos participantes, respeitando a vontade e o interesse dos mesmos, garantindo o direito à desistência em qualquer momento da pesquisa, além de se comprometer a informá-los sobre os resultados.

Os dados coletados foram utilizados apenas para essa pesquisa e os resultados poderão ser publicados em revistas e encontros científicos garantindo o sigilo e anonimado dos participantes.

O projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP) e aprovado com o parecer 6.138.305 (23/06/2023) Anexo II . Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Pós-Esclarecido (Apêndice 1), impresso em duas vias, sendo que uma ficou com eles e outra com o pesquisador, como reconhecimento de sua participação voluntária no estudo.

Os dados obtidos nesta pesquisa ficarão arquivados pelo período de 5 anos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados das sessões de supervisão, assim como detalhado na metodologia do projeto, foram colhidos por meio do diário de campo, escrito após cada sessão. Bardin (1977) propõe para etapa da pré-análise dos dados, inicialmente a leitura “flutuante” dos registros. A partir da leitura realizada, alguns temas começaram a emergir e se destacar por meio de núcleos de sentido. Os agrupamentos de sentido selecionados para análise do material representam os seguintes subtítulos: “A chegada de novos membros”; “Rivalizações e conflitos”; “Grupo versus indivíduo: Existe limitação na terapia de grupo?” e “O papel do supervisor”.

Na cidade de São José do Rio Preto, interior de São Paulo, a oferta de atendimento em grupo ainda é escassa e praticamente exclusiva do setor público através do CAPS e UBSs por exemplo. O grupo “Novo Olhar”, sustenta a prática com grupos através do atendimento voluntário, por muitos anos, sustentando os 3 pilares fundamentais para prática clínica, que são; análise pessoal, supervisão e formação teórica.

### **A chegada de novos membros.**

O tema sobre a entrada e saída de participantes no projeto e nos grupos manejados se sobressaiu em diversas sessões, se conectando com questões da dinâmica do grupo de atendimento, além de perpassar pela relação com os supervisores que chegam e deixam o projeto.

O início do trabalho de supervisão, se dá após o desligamento da antiga supervisora, que estava trabalhando com o grupo a um longo período, e que, segundo as participantes, tinha um bom vínculo com as profissionais. A chegada do novo supervisor é facilitada pela indicação feita por um profissional de confiança. Contudo, o primeiro encontro foi recheado de perguntas sobre a formação e experiência do supervisor, que é consideravelmente mais novo de idade do que as integrantes do grupo.

No primeiro encontro, o grupo fala do descontentamento com alguns profissionais mais jovens que buscavam o projeto para realizar o trabalho voluntário, mas tinham pouco comprometimento e abandonavam o trabalho precocemente. No mesmo encontro, o supervisor aponta o interesse em trabalhar com o grupo e por fim, fica combinado que o grupo avaliaria e retornaria com a confirmação da parceria. Outro ponto marcante nesse encontro, foi a queixa sobre a baixa adesão dos pacientes com o trabalho grupal, que as faz questionar sobre a viabilidade da modalidade.

No encontro seguinte, o pesquisador/supervisor apresenta a proposta para o grupo de vincular o conteúdo das supervisões ao seu projeto de mestrado. As psicólogas do projeto aceitam prontamente, explicitando o entusiasmo por participar de uma pesquisa que investigue aspectos do processo de supervisão.

A chegada de novos membros para trabalhar junto ao grupo, ou ainda, para participar dos grupos manejados pelas profissionais, aparece por diversas vezes durante as sessões de supervisão. Pôde-se perceber, com chegada do supervisor, a ambivalência na recepção de novos membros, como citado nos primeiros parágrafos da discussão.

O grupo supervisionado é antigo, com profissionais atuando no projeto há mais de dez anos e que apresentam seu ECRO estabelecido por certa rigidez. A chegada do supervisor, condiciona o encontro com um ECRO distinto, que condiz com suas experiências de vida (Pichon-Rivière, 2005).

Pichon-Rivière (2005) aponta que a entrada de novos membros em um grupo, elicia ansiedades básicas de perda e ataque, por isso, o grupo pode ter a sensação de perder certos aspectos sedimentados em estereotípias e rigidez nos papéis, ou até na mudança de ideias pré-estabelecidas ao longo do tempo. O choque de esquemas referenciais desencadeia defesas, que podem representar a dificuldade do grupo em receber o novo membro.

Logo nas primeiras sessões de supervisão, discutiu-se sobre a baixa adesão dos pacientes atendidos nos grupos. Ao questionar, uma das participantes reitera;

**P1.** “Não sabemos porque acontece isso, os demais participantes do grupo sempre recebem os novos membros de maneira acolhedora”.

Seguido da suspeita de que;

**P1.** “Hoje as pessoas não querem mais terapia de grupo, o mundo está individualista, querem apenas individual”.

O supervisor busca explorar afundo sobre questões do grupo de atendimento, que poderiam refletir nos grupos atendidos. Tal intervenção levanta defesas no grupo, fazendo com que as participantes neguem veementemente a influência.

Assim como o grupo de profissionais que realizam os atendimentos, os grupos atendidos são antigos, tendo alguns, mais de dez anos de existência. Percebe-se, no início, que as sessões funcionam da seguinte maneira; a cada sessão um dos participantes protagoniza o grupo, capturando todo tempo para si, enquanto os outros ficam em silêncio, realizando breves comentários. O método de trabalho adotado pelo grupo se aproxima daquele proposto por Foulkes na década de 40, onde o dispositivo da terapia individual era deslocado para o enquadre grupal, porém, considerando a transferência grupal. Em contrapartida autores clássicos como Bion e Pichon-Rivière (2005) e autores contemporâneos como Kaës (2001), Ávila (2007) e Castanho (2015), apontam a soberania do grupo em relação ao indivíduo, preconizando os aspectos inter-relacionais presentes no eixo horizontal como alvo das intervenções.

O supervisor intervém apontando a importância do foco nos aspectos inter-relacionais como guia do trabalho terapêutico, entretanto, o grupo de profissionais reage com oposição.

**P2.** “Aprendemos a vida toda a trabalhar dessa maneira, não faz sentido pensar de outro jeito”.

A partir dessa etapa da supervisão, o grupo começa a divergir sobre aspectos da técnica. De um lado, parte das psicólogas se interessam em refletir sobre os aspectos inter-relacionais e de outro, se opõe a refletir sobre a compreensão dos fenômenos grupais que não seja focado no indivíduo.

Por fim, é possível deduzir que a capacidade da equipe profissional de aderir novos membros, estaria influenciando na adesão dos participantes que chegavam nos grupos atendidos, e que esse ponto deveria ser trabalhado tanto na supervisão, quanto nos grupos terapêuticos.

No decorrer das sessões, o tema foi trabalhado, e desencadeou no processo de elaboração grupal, demonstrados nas categorias que virão a seguir, ou seja, o tema foi se transformando a partir das associações produzidas coletivamente.

### **Rivalizações e conflitos**

Desde o início das supervisões surgem questões de conflitos, inicialmente exclusivas dos grupos atendidos pelas psicólogas. O tema se inicia com um grupo atendido pelo projeto, com 6 participantes, que apresenta um importante conflito entre duas delas, que declaradamente não gostam uma da outra, inclusive faltando alternadamente para não se encontrar.

A psicóloga que atende o grupo mencionado, relata que as sessões são protagonizadas alternadamente pelas duas participantes, que de fato apresentam histórias de vida complicadas e com situações de abusos e violência. Relata ainda, que o grupo estava tendo faltas constantes dos demais participantes nas últimas sessões. Tanto o protagonismo das participantes quanto o conflito entre elas, monopolizam o tempo do grupo. O supervisor propõe que a coordenadora direcione o grupo para alternância de papéis e para circulação de turnos de fala com intuito de mitigar as rivalizações, que como apontado por Freud no texto “Mal-estar na civilização”,

levam o grupo a auto destruição. A psicóloga (participante 1), que coordena o grupo reage com oposição.

**P1.** “Eu acho que as sessões devem ser protagonizadas por elas sim, pois apenas dessa maneira elas irão elaborar os conteúdos traumáticos.”

O supervisor propõe para psicóloga (participante 1) decantar o tema que surge na fala das protagonistas e redirecionar para o restante do grupo, propiciando a elaboração e produção coletiva. O supervisor percebe a resistência da psicóloga e pergunta ao restante do grupo quais as percepções sobre a sessão relatada.

As demais psicólogas apontam que a terapeuta poderia estar tomada por aspectos contratransferenciais. A terapeuta prontamente se opõe dizendo:

**P1.** “Eu não sinto nada em relação a elas, apenas raiva.”

Ao se perceber falando sobre a raiva, a psicóloga aponta que se sente tomada pela questão, e que de fato, conteúdos dela estavam interferindo em sua prática.

Ao final da sessão outra psicóloga diz:

**P2.** “Quem precisa de terapia de grupo somos nós.”

A supervisão seguinte foi direcionada ao caso trazido pela psicóloga (participante 3), que é consideravelmente mais nova de idade, de tempo de projeto e sofre com algumas oposições mais acirradas do restante do grupo.

**P3.** “Eu estou com problema no meu grupo, tem duas participantes que rivalizam uma com a outra através de deboches e hostilidade.”

A psicóloga 3 refere que utilizou a estratégia de retornar as questões entre as participantes que estavam rivalizando para o grupo como um todo.

Assim como em outros grupos que estão em atendimento, o grupo da psicóloga 3 conta com movimentos de rivalização. Tal movimento foi se repetindo nos relatos de todos os grupos supervisionados.



Poucas semanas depois, percebe-se certa movimentação dentro do grupo. Inicialmente a atual presidente do projeto abdica do cargo e outra psicóloga anuncia sua saída. Nesse dia a participante 1 falta à supervisão, em consequência de sua ausência as demais participantes falam sobre a dificuldade que sentem no relacionamento com ela e na oposição que ela faz perante ao grupo, contudo, optaram por trazer o tema na supervisão no dia em que ela falta. O supervisor diz que é um tema pertinente e que poderia ser discutido com o grupo todo. Kaës (2001) alerta para as problemáticas que as alianças inconscientes podem trazer ao grupo. As alianças inconscientes são acordos não verbais que acontecem em um grupo para manutenção da dinâmica sedimentada. Além disso, parecia estar se estabelecendo um pacto de oposição contra a participante 1, fruto de processos de rivalização, e que estava interferindo de maneira prejudicial ao andamento do grupo.

A forma na qual se estabelece a configuração da equipe de trabalho, influencia diretamente no grupo atendido. Castanho (2015), revisita o conceito de intertransferência presente na obra de Renè Kaës. A intertransferência está relacionada às questões inconscientes presentes nas relações dentro da equipe de trabalho. Estão presentes aspectos contratransferenciais, de alianças inconscientes e de resistências à realização do trabalho com determinados grupos. Da mesma maneira que ocorre frente a transferência e a contratransferência, a intertransferência deve ser analisada para transformar a resistência em via de acesso ao trabalho analítico.

A partir do proposto por Castanho (2015), o coordenador propõe para semana seguinte abordar os temas referentes aos conflitos, dentro do grupo de trabalho, com todos presentes.

Na medida que a intervenção gera angústia, as ansiedades básicas são acionadas, e na semana seguinte o grupo vem munido do estatuto do projeto com o intuito de reestruturá-lo. O supervisor compreende o ato da equipe, como um ato simbólico de reestruturação do grupo, e se dispõe a participar da tarefa. Com isso, pode-se deduzir que o grupo encontrou através da

reestruturação do estatuto uma tarefa para elaborar questões pertinentes às relações dentro do grupo. Durante esse período o grupo foi de fato se reestruturando, falando dos conflitos, discutindo e decodificando a maneira da equipe funcionar. A tarefa teve sentido consonante com a definição trazida por Pichon-Rivière (2005), na medida em que o grupo se organizou em torno do agir para elaborar o pensar e o sentir.

A reestruturação do estatuto durou 3 semanas e teve participação entusiasmada de todo o grupo. Nesse momento o grupo solicita ao supervisor, autorização para adicionar seu nome no estatuto atualizado. Com isso, pode-se compreender que o grupo incorpora efetivamente o supervisor como parte do trabalho, inclusive do ponto de vista simbólico. O efeito da tarefa foi percebido nas supervisões que aconteceram no período posterior. As intervenções feitas pelo supervisor foram assimiladas com tranquilidade e as discussões de caso ocorreram de maneira fluida.

### **Grupo versus indivíduo: Existe limitação na terapia de grupo?**

Dentre os temas que emergiram de forma frequente na exploração do material, um deles foi a respeito da dualidade entre terapia individual e terapia de grupo. Os pacientes que chegam ao projeto através do plantão psicológico, são triados e encaminhados para um grupo em andamento. Os critérios utilizados para os encaminhamentos são; o grau de sofrimento frente a patologias psíquicas mais severas, adequação ao perfil do grupo e disponibilidade do paciente.

O supervisor se atenta à naturalização do discurso que surge frequentemente durante as supervisões e que pode ser representado na fala de uma das psicólogas.

**P2.** “Esse paciente não é pra grupo, tem que ser individual.”

A dualidade entre as modalidades de atendimento, aparece durante as supervisões por meio de situações que ocorrem nos grupos em atendimento. Parte significativa dos grupos

apresentam conflitos de oposição entre os participantes. As psicólogas, em certos momentos, sugerem o encaminhamento de uma das participantes, como podemos observar na fala a seguir.

**P2.** Não é melhor encaminharmos Paula para o atendimento individual, ela está causando muitos conflitos.

Intrigado com a questão, o supervisor questiona sobre o encaminhamento. As psicólogas dizem que tem pacientes que não são adequados para grupos e que teriam benefícios com a terapia individual. Nesse momento surge o comentário:

**P2.** “Essas participantes que estão brigando, vieram me procurar para o atendimento individual, pensei em encaminhar para alguma de vocês.”

Pichon-Rivière (2005) oferece instrumentação teórica para compreender o movimento do grupo. A assunção de papéis dentro da dinâmica grupal, aponta para aspectos que devem ser trabalhados no manejo de grupos. O bode expiatório é o membro do grupo que é depositário de conteúdos inconscientes de hostilidade, agressividade e outras questões de difícil aceitação pelos demais membros. Paula ocuparia o papel de bode expiatório, sendo deslocada para fora do grupo pelos participantes e pela psicóloga coordenadora.

A partir da consideração feita acima, o supervisor questiona sobre o papel de Paula no grupo e sobre os efeitos que ela está causando em todos. Paula tem histórico de negligências e abusos e passou por diversos surtos psicóticos, tendo que permanecer internada no hospital psiquiátrico algumas vezes. No grupo, ela alterna momentos de agitação e apatia, trazendo conteúdo de sofrimento e desamparo. A participante parece dizer algo pelo grupo, que gera incômodo aos demais.

Assim como na terapia individual, a terapia de grupo evoca resistências ao trabalho, não só pelo lado dos participantes do grupo, mas também, por meio dos terapeutas e coordenadores de grupos. A hipótese levantada pelo supervisor, é que a resistência ao trabalho

se transformou em alianças inconscientes (Kaës, 1999), que excluía os participantes interpretados como difíceis.

Tal aspecto emergiu na equipe das psicólogas por meio de questões que se destacavam durante a supervisão. A psicóloga P1, que costumeiramente fazia oposição à supervisão e às colegas, se apresentava hostil e descontente. As outras participantes aproveitavam os momentos em que P1 não estava, para dizer como ela era difícil de lidar. P1 ocupa posição semelhante à de Paula, recebendo o depósito de questões difíceis presentes no grupo. Através da tarefa “Reestruturação do Estatuto”, P1 se integra ao grupo circulando entre papéis e afetos dentro da dinâmica grupal.

Da mesma forma, o supervisor sugere que a psicóloga que coordena o grupo de Paula, insira o objeto mediador como instrumento de contenção da hostilidade e de projeções dos participantes do grupo. O objeto mediador é inserido pelo coordenador do grupo e permite a elaboração de conteúdos grupais através das associações dos participantes frente ao objeto. Kaës (1999) aponta que o objeto mediador favorece o trabalho pré-consciente, que corrobora com a conexão entre pensamento e ideia.

A coordenadora deste grupo acolheu a sugestão e teve a ideia de fazer uma caixinha com sentimentos escritos em papéis dobrados, que seriam tirados pelas participantes e discutidos durante a sessão. O grupo atendido passa da pré-tarefa para tarefa nesse momento, participando da dinâmica e convivendo com suas diferentes características (Castanho, 2018).

A partir da implementação dos objetos mediadores, como a caixinha de sentimentos, por exemplo, o grupo levanta a seguinte questão; “Trabalhar com objetos mediadores não descaracterizaria o fazer psicanalíticos?” ou então; “Mas isso é psicanálise?”.

Para introduzir a reflexão referente as questões pontuadas pelo grupo supervisionado, é importante indicar a responsabilidade do analista e da psicanálise frente às questões políticas, sociais e coletivas que nos convocam ao trabalho. O compromisso clínico-político da

psicanálise desloca o analista da clínica para o território, frente às emergências dos conflitos sociais.

Para Sato et. al (2017), o sintoma contém sua dimensão político-coletiva, que atravessa, inclusive, a figura do terapeuta. As resistências ao processo terapêutico advêm, tanto do paciente quanto do terapeuta, e pode ser percebida quando o terapeuta se fixa na realidade factual ao invés da realidade do discurso.

Broide (2016), conclui que o dispositivo psicanalítico implantado no enquadre grupal não sofre perdas em relação a prática individual e constata que a tarefa ocupa a posição central no trabalho grupal e não o conduz. O supervisor utiliza esse argumento como parte da resposta ao grupo. Além disso, a tarefa organiza o grupo em relação ao trabalho, ao invés, de focar na direção do líder ou do terapeuta.

O psicanalista de grupo, auxiliado pela contenção oferecida pelos objetos mediadores, proporciona os deslocamentos do discurso pela cadeia significante grupal. Os tropeços discursivos são operadores clássicos da psicanálise e surgem pela via dos atos falhos, sintomas e chistes. Dentro da cadeia significante dos participantes, os deslizamentos da fala aparecem, indicando a via de acesso ao inconsciente, e conseqüentemente, convida o terapeuta a intervir (Sato et. al 2017).

Situações sociais críticas, como formas cruéis de desamparo, todos os tipos de violência, extrema pobreza e vulnerabilidades de diferentes tipos, são frequentes dentro da população atendida pela equipe de voluntárias do projeto “Novo Olhar”. Ao escutar esses difíceis relatos, não é incomum que o profissional se sinta impotente e desamparado, se sentindo impossibilitado de realizar o trabalho com aquele sujeito. O supervisor compreende que lidar com tal sofrimento, marcado pela impossibilidade, suscita nas terapeutas, sensações que se traduzem em resistência ao trabalho grupal (Sato et. al 2017).

Naturalmente, situações complicadas fazem com que interroguemos nossa prática e exige reinvenção do trabalho analítico e, sobretudo, que o terapeuta se posicione.

Por fim, Sato et. al (2017), sintetiza de forma brilhante a função do trabalho grupal psicanalítico:

O grupo pode permitir uma relação contra-alienante que pode emergir da prática de um coletivo, ou seja, não é preciso ser igual para se fazer algo juntos. Retomamos Pichon-Rivière (2005) para destacar que a heterogeneidade entre os participantes é o que oferece condição e viabiliza a homogeneidade da tarefa e o trabalho no grupo. O que constitui o nó grupal desloca-se, assim, do líder ou da ideologia como centro do grupo, para o trabalho grupal e a possibilidade de operar através do furo. (p. 485)

### **O Papel do supervisor**

No início das sessões de supervisão, as psicólogas da equipe de trabalho, teciam comparações entre o trabalho do novo supervisor e da antiga supervisora, como pode ser exemplificado na fala abaixo:

**P1:** “Você está nos dizendo para compreender o grupo em sua totalidade e a supervisora anterior, dizia para fazermos uma análise profunda de cada um dos participantes.”

Ou então:

**P3:** “Você está propondo inserir uma “tarefinha” nesse grupo, nunca vimos isso em supervisão, não parece psicanálise.”

Bion (1980) ao formular os pressupostos básicos, nos indica quais são os processos que o grupo passa em seu início ou em sua reformulação. O grupo “Novo Olhar”, munido de vasta experiência prática e de supervisão, ao “perder” a antiga supervisora, eleva processos

defensivos, para evitar novas perdas, como ideias e conhecimentos adquiridos até então. O grupo parece estar inicialmente no pressuposto de luta e fuga, onde elementos psíquicos difíceis são projetados para fora do grupo, e retornam em forma de ataque. Bion (1980), aponta que esse é o momento principal de intervenção do coordenador ou supervisor do grupo.

Tendo em vista a importância da intervenção nesse período, o supervisor realiza o seguinte apontamento:

**Supervisor:** “Pelo que vocês me contam, parece que tiveram ótimos supervisores, que foram muito importantes para o grupo. Percebo toda bagagem que vocês têm, que é um material muito importante para usarmos em supervisão. Acho que podemos relacionar isso com as perspectivas que tenho trazido sobre os casos.”

No final da supervisão que ocorreu na semana seguinte, o grupo traz outra percepção sobre a atuação do supervisor, expressas em falas como:

**P2:** “Você trouxe uma maneira diferente de olhar o caso, sua percepção técnica e teórica é muito boa, poderíamos fazer um grupo de estudos.”

**P3:** “Estávamos precisando dessa renovação, você abriu bastante nossa mente.”

**P4:** “Essa supervisão foi muito boa, ajudou bastante no meu caso.”

O grupo se movimenta dentro dos pressupostos básicos, se deslocando da luta e fuga, para dependência, onde a figura que assume a coordenação ou liderança do grupo é colocada em um lugar onipotente, que poderia solucionar as questões do grupo magicamente.

A demanda de solucionar as questões do grupo logo aparecem;

**P2.** “Você não gostaria de ser o presidente do projeto?”

**P5.** “Você poderia “cortar mais” algumas participantes durante a supervisão.”

**P3.** “O grupo parecia estar adormecido antes da sua entrada.”

O supervisor compreende o movimento do grupo como parte do processo de aceitação do membro que chega, e por isso acolhe a demanda implícita que corresponde à integração do supervisor ao grupo, mas não responde às demandas explícitas destacadas nas falas anteriores.

Por estar no pressuposto básico de dependência, o supervisor teve que direcionar suas intervenções para que o grupo se reintegrasse como grupo de trabalho. Nesse sentido, após acolher a fala da equipe, é pedido ao grupo que traga o caso a ser trabalhado naquele dia;

**P2:** “Era eu quem iria trazer, mas eu não preparei nada.”

**Supervisor:** “Tudo bem, acredito que trazendo a sessão a partir de suas lembranças e impressões podemos trabalhar o caso de maneira rica.”

A intervenção supracitada teve por objetivo direcionar o grupo em direção à tarefa. A supervisão seguiu com a discussão do caso, distanciando o grupo das ansiedades básicas.

Vale salientar que os momentos de ansiedades básicas foram superados, e as psicólogas se construíram como grupo de trabalho. Foi possível verificar o direcionamento da equipe na realização da tarefa. A reconstrução do estatuto e as discussões dos casos atendidos, exemplificaram de maneira clara a imersão do grupo frente à tarefa.

Outro ponto importante de analisar, é a relação transferencial e contratransferencial frente à supervisão. Esses operadores clínicos, são condição *sine qua non* para qualquer trabalho no campo analíticos, e não foi diferente com o grupo participante desta pesquisa. Do ponto de vista contratransferencial o supervisor inicia as primeiras sessões com bastante cautela e percebe-se intimidado por algumas dimensões específicas da equipe. A experiência, formação e a qualidade dos supervisores anteriores, levaram o supervisor a questionar, se conseguiria alcançar o padrão de excelência que o grupo tinha se acostumado. Contudo, ao perceber que se tratavam de questões contratransferências, o supervisor esteve atento para não realizar “atuações” durante o trabalho. Nesse sentido, elementos da transferência aparecem com frequência em algumas falas das psicólogas, exemplificadas abaixo;



**P1:** “Quantos anos você tem?”

**P2:** “Eu tenho um filho da sua idade.”

**P4:** “Eu tenho uma neta com a idade da sua filha.”

A partir das falas apresentadas, pode-se inferir a posição simbólica que o supervisor ocupou em relação ao grupo, como de um filho, que talvez precisasse passar pela aprovação do grupo para ocupar de fato a posição do supervisor.

Outros fatores contribuíram positivamente para instaurar o dispositivo da supervisão, dentre eles o setting estabelecido com local e horários fixos, a disponibilidade da equipe em trazer os casos de forma detalhada e espontânea e a disposição em repensar o próprio grupo (Saraiva & Nunes, 2007).

Toda supervisão tem caráter formativo, na medida em que conhecimentos teóricos e clínicos são transmitidos por meio da discussão de casos. Ou seja, porventura o profissional que passou por supervisão pode um dia se tornar supervisor por ter adquirido conhecimento e habilidades em sua própria supervisão.

Os grupos operativos tem por finalidade o projeto, que consiste na projeção dos elementos aprendidos dentro de um grupo no meio social. Nos últimos encontros do grupo de supervisão, foi possível perceber alguns indicativos de que o grupo caminhava para o projeto. A equipe começa a discutir sobre a possibilidade de abrir um processo seletivo para novos terapeutas voluntários. O grupo se revelou fechado inicialmente a receber novos membros, argumentam sobre a dificuldade de encontrar pessoas comprometidas com o trabalho, contudo, a dificuldade de alterar a dinâmica do grupo se apresentou de forma evidente durante o trabalho de supervisão. A disposição para abertura da entrada de novos membros no grupo demonstra a flexibilização de estereótipos e rigidez nos papéis assumidos por cada uma. A resistência em abrir o grupo para nova dinâmica parece ter diminuído com a proposta de incluir novos membros.

Contudo, as intervenções realizadas pelo supervisor tiveram o objetivo de estabelecer um espaço de suporte e acolhimento, transmitindo aspectos da teoria e da técnica ao grupo, além de pensar estratégias de manejo aos grupos atendidos. Foi importante considerar a dinâmica do grupo das psicólogas e intervir no sentido de encaminhar o grupo em direção à tarefa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo operativo enquanto ferramenta de supervisão para profissionais que atendem grupos de inspiração psicanalítica, se mostrou eficaz no sentido de proporcionar o processo de ensino e aprendizagem a partir do saber grupal. Durante o processo de supervisão utilizado como recorte deste trabalho, o saber produzido por meio do grupo e não apenas aquele centralizado na figura do supervisor, foram fundamentais para a compreensão e evolução dos grupos que estavam em atendimento.

O trabalho voltado tanto para promoção do processo de ensino e aprendizagem, quanto para compreensão e intervenção frente às dinâmicas grupais da equipe de trabalho, foram fundamentais para o grupo centrar na tarefa, facilitando resolução de conflitos e a promoção de um ambiente saudável para realização do trabalho, sobretudo na inter-relação entre as psicólogas. Muitas vezes o grupo operativo não tem objetivo terapêutico, mas produz efeitos terapêuticos, tal aspecto não foi diferente no grupo supervisionado. Ao final das sessões os vínculos estavam mais fluidos e tolerantes frente às diferenças.

Os operadores psicanalíticos da transferência e contratransferência foram peças chave na estratégia de manejo das sessões de supervisão, auxiliando a diferenciação entre processos grupais e individuais da equipe frente aos atendimentos e ao próprio grupo de trabalho.

Por fim, é importante salientar o benefício de aprendizagem e promoção de saúde no grupo supervisionado e nos grupos atendidos. O presente trabalho pode fornecer material teórico e técnico para outros profissionais que estudam e trabalham com manejo de grupos. Aqueles que trabalham com grupos podem ampliar o benefício social da pesquisa, na medida que apliquem e se apropriem do material aqui desenvolvido. Contudo, é importante que se amplie o campo de pesquisas sobre o assunto, na medida que a literatura apresenta limitações.

## REFERÊNCIAS

- Ávila, L. A. (2007). Grupos- a perspectiva psicanalítica. *Vínculo-Revista do NESME*, 4(4), 17-25.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bleger, J. (1987). Temas de psicologia. In *Temas de psicologia* (pp. 113-113).
- Bion, W. R. (1975). Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo. In *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo* (pp. 185-185).
- Boris, G. D. J. B. (2014). Elementos para uma história da psicoterapia de grupo. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 20(2), 206-212.
- Broide, E. (2016). Os grupos na instituição: lógicas e problemáticas. In: Guedes, C. F. & Sato, F. G. (Orgs.). *Caderno Enlaces: textos de referência do projeto de formação de profissionais da Assistência Social de Osasco. Vol.3. São Paulo: Núcleo Entretempos.*
- Caldeira, M. C., & Ávila, L. A. (2021). O grupo operativo como ferramenta na saúde mental. *Vínculo-Revista do NESME*, 18(1), 72-79.
- Caldeira, M. C., & Ávila, L. A. (2022). O grupo operativo com mulheres em vulnerabilidade social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 38, 1-11.
- Castanho, P. (2012). *Uma introdução aos grupos operativos: teoria e técnica*. *Vínculo-Revista do NESME*, 9(1), 47-60.
- Castanho, P. (2015). Sobre o conceito de intertransferência (ou a contribuição de René Kaës para a problemática da contratransferência no trabalho em equipe). *Jornal de Psicanálise*, 48(88), 111-120.
- Castanho, P. (2018). Uma introdução psicanalítica ao trabalho com grupos em instituições. *São Paulo: Editora Linear A-barca*.
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília: CFP.

- Coutinho, A. R., Medeiro, E., & Trindade, T. F. (2012). *Supervisão em grupo: considerações sobre um dispositivo clínico-institucional*. *Mnemosine*, 8(2), 24-50.
- Fernandes, B. S. (Org.). (2021). Grupos Psicanalíticos de Reflexão e Discussão enquanto modalidades de Grupos Operativos. In T. S. Santeiro & W. J. (Eds.), *Clínica de Grupos de Inspiração Psicanalítica: teoria, prática e pesquisa* (pp. 281-305). Clínica Psicológica.
- Fernández, A. M. (2006). *O campo grupal: notas para uma genealogia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freitas, M., & Pereira, E. R. (2018). O diário de campo e suas possibilidades. *Quadernos de Psicologia*, 20(3), 235-244.
- Freud, Sigmund (2010). *O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos (1930-1936)*. Obras Completas Volume 18. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1921).
- Guattari, F. (2004). A transversalidade. In *Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- Kaës, R. La parole, le jeu et le travail du préconscient dans le psychodrame psychanalytique de groupe. In: KAËS, R. et al. *Le psychodrame psychanalytique de groupe*. Paris: Dunod, (1999), p. 51-100.
- Kaës, R. (2001). *Um singular plural*. São Paulo: Loyola.

- Koerich, M. S., Backes, D. S., de Sousa, F. G. M., Erdmann, A. L., & Albuquerque, G. L. (2009). Pesquisa-ação: ferramenta metodológica para a pesquisa qualitativa. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 11(3), 17-23.
- Medeiros, M., & Santos, F. A. D. (2011). O conceito de Esquema Conceptual Referencial Operativo-ECRO e o processo de ressocialização de apenados: um estudo etnográfico-hermenêutico. *Barbaroi*, (34), 4-22.
- Minayo, M. C. S. (2010). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (10ª ed.) São Paulo: Hucitec.
- Nascimento, T. M., & Galindo, W. C. M. (2017). Grupo Operativo em Centros de Atenção Psicossocial na opinião de psicólogas. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(2), 422-438.
- Pichon-Rivière, E. (2005). *O processo grupal*. (7ª ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Rocha, N. S. (2001). Supervisão em psicoterapia de orientação analítica: a perspectiva de uma amostra de supervisionados de Porto Alegre, Brasil. *Revista Brasileira de Psicoterapia (Porto Alegre)*, 3(3), 213-228.
- Saraiva, L. A., & Nunes, M. L. T. (2007). A supervisão na formação do analista e do psicoterapeuta psicanalítico. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 12, 259-268.
- Sato, F. G., Martins, R. C. R., Guedes, C. F., & Rosa, M. D. (2017). O dispositivo grupal em psicanálise: questões para uma clínica política do nosso tempo. *Revista Psicologia Política*, 17(40), 484-499.
- Silva, R. S. (2019). *A supervisão (controle) na formação do psicanalista* (1ª ed.) Belo Horizonte, MG: Relicário.
- Silva, M. A. M., Marques, F. M., Brito, M. da C. C., Viana, R. S., Mesquita, A. L. M., Rodrigues Silva, A. S., & Gomes, L. C. (2018). Grupo operativo com primigestas: uma estratégia de promoção à saúde. *Revista Brasileira Em Promoção Da Saúde*, 31(1).

## APÊNDICE I

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(Modelo em acordo com a Resolução n.º 466/12 – Conselho Nacional de Saúde)

#### **Título do estudo: O GRUPO OPERATIVO COMO FERRAMENTA DE SUPERVISÃO PARA PROFISSIONAIS QUE ATUAM COM GRUPOS DE INSPIRAÇÃO PSICANALÍTICA**

Você está sendo convidado a participar do estudo científico, pois você estará presente nas supervisões de trabalhos com grupos operativos mediadas pelo presente pesquisador, o que poderá aumentar o conhecimento técnico, teórico e prático na coordenação de grupos que porventura irá realizar.

Este estudo será realizado para fornecer dados e talvez aperfeiçoar o tratamento de pessoas que passam pelo mesmo procedimento/mesma coisa.

#### **DO QUE SE TRATA O ESTUDO?**

O presente projeto, tem por intuito identificar, através de grupos operativos, o processo de supervisão de casos atendidos pelo grupo “Novo Olhar”.

O objetivo deste estudo é verificar de que maneira poderá ocorrer o processo de assimilação, incorporação e aprendizagem dos conteúdos apresentados, articulando-os às experiências dos participantes, além de identificar questões que poderão emergir no grupo operativo em todas as sessões supervisionadas, e ainda mediar a promoção de ensino e aprendizagem, articulando a teoria às experiências cognitivas e emocionais, promovendo assim, a possibilidade do desdobramento em ações dos participantes dentro seus contextos de vida e trabalho.

#### **COMO SERÁ REALIZADO O ESTUDO?**

Participarão do presente estudo, profissionais que atendem grupos de inspiração psicanalítica no projeto “Novo Olhar” localizado na cidade de São José do Rio Preto, São Paulo. Será

selecionado o profissional que estiver atendendo grupos e frequentando as supervisões, sem nenhuma outra distinção. Será um grupo fechado, com número fixo de participantes, realizado nas dependências da Igreja da Redentora. Os participantes que se enquadrem nos critérios de inclusão serão convidados pelo pesquisador responsável pela pesquisa.

Você será convidado pessoalmente pelo pesquisador antes do início da supervisão

O estudo será realizado da seguinte maneira: uma supervisão através do grupo operativo de uma hora de duração que se propõe a dialogar de maneira livre e espontânea sobre as discussões de casos apresentadas pelo grupo.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo.

Quando for necessário utilizar os seus dados nesta pesquisa, sua privacidade será preservada, já que seus dados não serão divulgados.

Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos ou revistas científicas apenas para fins de estudo.

#### **ESSES PROCEDIMENTOS SÃO DESCONFORTÁVEIS OU GERAM RISCOS?**

Os procedimentos poderão trazer os seguintes riscos: desconforto emocional. É possível que você não seja beneficiado diretamente ao participar deste estudo, porém sua participação irá contribuir para descobrir de forma crítica e reflexiva temáticas referentes à formação e supervisão de profissionais que trabalham ou pretendem trabalhar com grupos.

#### **O QUE ACONTECE COM QUEM NÃO PARTICIPA DO ESTUDO?**

Não lhe acontecerá nada se você não quiser participar desse estudo.

Também será aceita a sua recusa em participar dessa pesquisa, assim como a sua desistência a qualquer momento, sem que lhe haja qualquer prejuízo de continuidade de qualquer tratamento



nessa instituição, penalidade ou qualquer tipo de dano à sua pessoa. Será mantido total sigilo sobre a sua identidade e em qualquer momento você poderá desistir de que seus dados sejam utilizados nesta pesquisa.

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar da pesquisa, durante todo o decorrer do estudo, porém quaisquer despesas que ocorram, tais como transporte e alimentação, serão custeadas pelo pesquisador Rodrigo Mostaço Andrade responsável por este estudo. Você também não receberá pagamento por participar desta pesquisa.

Você será acompanhado e terá assistência imediata, bem como o pesquisador se responsabilizará pela assistência integral dos participantes da pesquisa no que se refere às complicações e danos decorrentes da pesquisa, sejam eles diretos ou indiretos.

#### **CONTATO COM O PESQUISADOR E O CEP**

Em caso de dúvidas ou problemas com a pesquisa, você poderá procurar o **pesquisador responsável** Rodrigo Mostaço Andrade pelo e-mail [rodrigo.andrade@edu.famerp.br](mailto:rodrigo.andrade@edu.famerp.br) ou ainda pelo telefone: (17) 981103733, no endereço: Rua Marechal Deodoro da Fonseca, número 4380, bairro Santa Cruz, São José do Rio Preto, São Paulo, no CEP 15014-060, das 8 horas às 18 horas, de segunda a sexta-feira.

Para maiores esclarecimentos, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da FAMERP (CEP/FAMERP) está disponível no telefone: (17) 3201-5813 ou pelo e-mail: [cepfamerp@famerp.br](mailto:cepfamerp@famerp.br), localizado na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 5416 em São José do Rio Preto/SP no horário de funcionamento das 7:30 às 16:30, de segunda a sexta.

O CEP (Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos) é um grupo formado por pessoas que trabalham ou não com pesquisa e que realizam a revisão ética inicial e contínua do estudo para manter sua segurança e proteger seus direitos.

Este documento foi feito em duas vias, ficando uma comigo e outra com o pesquisador deste estudo, tendo eu e o pesquisador colocado rubrica (assinatura) em todas as páginas deste Termo.

Declaro que entendi este TERMO DE CONSENTIMENTO e concordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Pesquisador Responsável

Rodrigo Mostaço Andrade

Orientador

Dr Lazslo Antonio Ávila

Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

(Nome e Assinatura)

## Apêndice II

Parecer consubstanciado



FACULDADE DE MEDICINA DE  
SÃO JOSE DO RIO PRETO -  
FAMERP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O GRUPO REFLEXIVO COMO FERRAMENTA DE SUPERVISÃO NO TRABALHO COM GRUPOS OPERATIVOS

**Pesquisador:** RODRIGO MOSTACO ANDRADE

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 69092123.6.0000.5415

**Instituição Proponente:** Faculdade de Medicina de São Jose do Rio Preto- FAMERP - SP

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.138.305

#### **Apresentação do Projeto:**

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2115180.pdf de 04/06/2023) e/ou do Projeto Detalhado/ Brochura do Investigador.

Outros	cartaresposta.pdf	16:57:13	MOSTACO ANDRADE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodepesquisaceprespostacorrigido. pdf	04/06/2023 16:53:08	RODRIGO MOSTACO ANDRADE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tceleceprespostacorrigido.pdf	04/06/2023 16:50:59	RODRIGO MOSTACO ANDRADE	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	infra.pdf	17/04/2023 14:45:46	RODRIGO MOSTACO ANDRADE	Aceito
Folha de Rosto	fdrosto.pdf	17/04/2023 14:44:42	RODRIGO MOSTACO ANDRADE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	01/04/2023 18:50:20	RODRIGO MOSTACO ANDRADE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	01/04/2023 18:48:14	RODRIGO MOSTACO ANDRADE	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO JOSE DO RIO PRETO, 23 de Junho de 2023

---

**Assinado por:**  
**Heloisa Cristina Caldas**